

Enlace 18

“Gêneros impertinentes: trânsitos à deriva”

O gênero se constitui em uma forma de regulação social, no qual dispositivos específicos de regulação (institucionais, militares, sociais, psicológicos, educacionais, legais, psiquiátricos) são evocados com o objetivo de refletir sobre a maneira pelas quais estas regulações são engendradas e impostas aos sujeitos (Butler, 2010). “Identidade significa o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e práticas que tentam nos ‘interpelar’ , nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar” (Hall, 2000, p. 111-112). Esta concepção de identidade permite o entendimento de que as identidades não são fixas nem estáveis e são definidas socialmente, em um processo de significação, estando, portanto, sujeitas ao poder (Silva, 2007). A reavaliação crítica à política de identidades, proposta pela teoria *queer*, coloca em xeque as formas correntes de compreender as subjetividades, evidenciando “como conhecimentos e práticas sexualizam corpos, desejos, identidades e instituições sociais numa organização fundada na heterossexualidade compulsória [...] e na heteronormatividade” (Pino, 2007, p. 160). Para sair das armadilhas impostas por tal política, preferimos trabalhar com a ideia de processos identificatórios, que “opera por meio da *différance* e envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar este processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui” (Hall, 2000, p. 106). Neste sentido, podemos pensar a impermanência como identidade? Pode-se pensar a alteridade como marca estruturante de si? Partimos da observação de que há pessoas cuja autoidentificação ou autodefinição de gênero rompe radicalmente com a rígida lógica binária de gênero: homem/mulher, masculino/feminino, hétero/homossexual, com identidades ambivalentes que se contrapõem à heteronormatividade. Se por um lado, essas pessoas transitam entre os

gêneros sem a fixação identitária, mostrando que há uma pluralidade de identificações que adquirem formas fluidas, por outro, causam incômodo e desconforto ao movimento LGBT que baseia suas lutas a partir do uso estratégico da política de identidades. Deste modo, interessa-nos conhecer e debater neste Enlace Temático, pesquisas sobre a multiplicidade de identificações de gêneros invisibilizados, como gêneros não-binários, gêneros impertinentes, ambíguos, andróginos, que expressem experiências subjetivas de ruptura com as normas de gênero e identidades sexuais, como drag kings, drag queens, butches, caminhoneiras, tomboys, FTM, cross-dressers e tantas outras possíveis. Serão bem vindos também trabalhos de ativismo cotidiano, intervenções urbanas e experimentações radicais de gênero em diferentes práticas artísticas.